

Julieta Barreiros, a "Poetisa das Beiras"

A personalidade humana e literária que aqui me traz justifica bem a nossa atenção, não apenas pela evidência do seu valor, mas também pela invulgaridade do seu perfil no contexto das letras portuguesas. Acresce a este facto o dado, facilmente constatável, da falta de informação crítica acerca do seu trabalho. A presente comunicação não pretende, para já, ser mais do que uma breve introdução à pessoa e à obra de Julieta Leite Barreiros, integrada no conjunto de um painel sobre "Sociabilidades Femininas", de modo a lançar as bases para uma investigação mais aprofundada, nomeadamente no que diz respeito à dispersa publicação de ensaios e poemas desta autora num largo conjunto de revistas e jornais. Assim, para além de testemunhos "ao vivo", que me foram facultados por familiares desta autora – a quem me ligam também laços de parentesco – foram usadas as informações constantes das introduções às várias colectâneas de poemas.

Nascida em Viseu em 13 de Novembro de 1884, filha de Luís Leite Telles e de Esperança Paes de Figueiredo, Julieta Leite Figueiredo – mais tarde conhecida como Julieta Barreiros, ao adoptar o nome do marido – nunca exerceu qualquer cargo público, vindo a ficar conhecida, devido à sua craveira intelectual, à sua vasta cultura e à qualidade da sua produção poética, como a "Poetisa das Beiras".

A sua inteligência chamou a atenção desde muito cedo, ao surpreender os Pais quando, com 4 ou 5 anos de idade, se descobre que aprendera a ler sozinha, juntando as letras do jornal que via o seu pai ler. A família, de profunda tradição católica, culta e de largos horizontes, não hesita em enviá-la para o liceu, onde só estudavam rapazes, facto que, obviamente, deu brado no meio conservador e provinciano que era a cidade de Viseu dos finais do século XIX. Aí a jovem Julieta estuda simultaneamente os cursos de Letras e de Ciências, ao mesmo tempo que dá explicações aos colegas, vindo a licenciar-se em ambos com Distinção.

A estreia literária de Julieta Leite de Figueiredo é precoce, com 12, 13 anos de idade (1897), na *Revista Católica de Viseu*, a partir do que passa a escrever regularmente para diversos jornais e revistas (como o *Jornal da Beira*, *Revista Catholica*, *Folha*, *Ecos de Penalva*, *Correio Nacional*, *Acção* – revista universitária de Lisboa – *Brotéria*, o diário *Novidades*, *Stella*, *Universitárias*, etc.), primeiro em prosa e só a partir de 1905 em verso, com o pseudónimo de Marta.

Com 24 anos casa-se com o advogado José de Almeida Barreiros Tavares, de quem virá a ter 10 filhos. Apesar de todas as ocupações que a vida de casada e a numerosa prole implicavam, Julieta nunca deixa de escrever, passando a ser regularmente convidada para saraus literários (como por exemplo, os que Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos promoviam), sendo igualmente solicitada a produzir escritos em prosa ou em verso para ocasiões festivas, de que é exemplo a letra do hino do Orfeão de Viseu, cantado pela primeira vez em 1930 no teatro Avenida dessa cidade.

Os poemas da Poetisa das Beiras são recorrentemente lidos ou declamados em ocasiões sociais ou religiosas, à medida que cresce o reconhecimento generalizado quanto à qualidade da sua produção poética – que lhe vale, em 1919, o 1º Prémio dos Jogos Florais do Porto (com o poema “Terra Mater”). Reflecte-se na sua obra um profundo interesse pelas tradições, usos e costumes locais, aspectos da vida rural (feiras, romarias, desfolhadas), sempre aliado a um arreigado catolicismo e a um patriotismo explícito, que, sem deixar de vincar o amor à terra Natal, se estende a toda a História e cultura do nosso País. Sobre esta relação amorosa entre o artista e a sua terra escreve Julieta Barreiros o poema “De longe” (*Terra Mater*, p. 79), de onde se transcreve a primeira estrofe:

Porque mais fundo e sempre quer a gente
À terra em que nasceu?
- É que se amam as outras tão somente
Com este coração que ela nos deu.

Capaz de apreciar a cultura popular e regional, mas também o que de mais erudito encontra na sua terra, a poetisa inspira-se por vezes noutras artes, como por exemplo a pintura. É o que encontramos num excerto do poema que deu o nome à colectânea acima referida, escrito a olhar para o célebre quadro de S. Pedro, pintado por Grão Vasco, onde Julieta Barreiros sintetiza emoção estética e visualidade pictórica (*Terra Mater*, p. 23):

Terra de sonho e fé, ó minha Beira,
Tradição de poetas e pintores:
- A fé chorando no sorrir das cores
Numa só mancha a dor da vida inteira

A sonoridade musical de muitos dos seus poemas procura também captar a atmosfera simples e festiva das desfolhadas no campo. Notemos a primeira estrofe de um poema intitulado “No trabalho”, cheia de plurais que procuram dizer a exuberância da atmosfera (*Terra da Beira*, p. 43):

Setembro. Amoras espreitam
Entre as silvas pelos trilhos,
Farta lida pelos campos:
- roxos bagos, loiros milhos...

De sólida formação clássica, histórica e filosófica, a sua obra reflecte as influências dos grandes mitos e autores clássicos e dos poetas que cantaram o ideal luso, como Camões e Pessoa. Vale a pena transcrever na íntegra o poema “Cidade de Ulisses” (in *Voz de longe, Voz de perto*, pp. 15-16), de 1945, no qual se cruzam as referências clássicas e lusitanas com as ressonâncias míticas de sabor messiânico, certamente enfatizadas pelo ambiente que se vivia na Europa dos meados do século XX :

Foi verdade? Não foi? – A ideia é linda:
- o grego errando aqui chegou um dia,
e no cansado olhar que se abatia

uma nova luz fulgurou ainda...

O rio, o mar, a terra que se alinda
Por dar a boa entrada ao que viria,
Ou por deixar no peito ao que partia
a doce pena da saudade infinda,

o grego tudo viu... Talvez lembrasse
a onda azul do Egeu, o filho, a esposa,
e assim como quem sonha edificasse

um Lar ao jeito da visão saudosa,
aonde o corpo aqui lhe descansasse
enquanto além a mente lhe repousa!...

*

A ideia é linda... o grego em seus erros
Parou aqui, aonde “o mar começa”...
Onde das velhas terras se despeça
Quem se aventure às solidões maiores.

Parou – como a adubar de antigas dores
O chão que nas mais novas refloresça,
Para que o Voo largo não esqueça,
Ao meio-dia, os trémulos alvares.

Pelo cerúleo mar talhando a estrada
De ambos os lados a acenar-lhe um porto
- aqui – chegou um Sonho de abalada...

E – daqui – se partiu ao desconforto
Do tenebroso mar a “gente ousada”

Que, por Deus, ressuscita o Sonho morto!

Mais tarde, uma das suas filhas declamará publicamente, em Portalegre, o seu poema “No poço de Sichar” (in *Ao clarão do nosso lar*, p. 47). Estando na assistência José Régio, o poeta mostrar-se-á muito impressionado, dirigindo-se à filha da poetisa para indagar quanto à autoria do poema.

O carácter destemido de Julieta Leite Barreiros levou-a a tomar partido em polémicas literárias e ideológicas, dialogando com pessoas de quadrantes culturais e políticos muitos diversos, por vezes radicalmente diferentes do seu. Um dos temas por que se batia era a educação da juventude, em particular das raparigas; não será por acaso que vários dos seus filhos exibiam grande cultura literária e histórica, escrevendo poesia e prosa. Uma delas, Maria de Lourdes Barreiros Leite, tentou fazer uma tese sobre Florbela Espanca, propósito aplaudido pela mãe. Porém, o escândalo social estalou, devido ao teor de muitos dos poemas de Florbela, o que viria a desencorajar Maria de Lourdes de levar avante o seu projecto.

Tendo sido uma figura de contornos bastante discretos, cuja reputação não chegou – a não ser muito pontualmente – a passar os limites do Norte de Portugal, Julieta Leite Barreiros justifica, pelo valor e originalidade da sua produção, um estudo mais atento. A sua obra encontra-se dispersa por uma enorme quantidade de jornais e revistas, existindo hoje 5 volumes publicados, constituídos por colecções de poemas que alguns dos seus descendentes coligiram e fizeram vir a lume. Destes, só o primeiro, *Terra da Beira*, foi publicado em vida da autora, em 1917, em Coimbra. Os restantes, *Sombra e Luz*, *Voz de Longe*, *Voz de Perto*, *Terra Mater* e *Ao Clarão do Nosso Lar*, saíram entre 1996 e 1998.

Pelo facto de ter tido uma vida de óbvios condicionalismos familiares e sociais no ambiente fechado de Viseu e de Penalva do Castelo (esteve em Lisboa apenas um curto espaço de tempo), apesar de a sua curiosidade e interesse extravasarem esse pequeno micro-cosmos, Julieta Leite Barreiros, como mulher que foi, não teve acesso fácil a uma dimensão literária “canónica” nem a um universo de reconhecimento cultural mais vasto,

o que fez com que, como sempre acontece, o seu nome tenha sido remetido para um quase total esquecimento. A sua vida longa (morreu com 78 anos, em 1962), ainda que muito preenchida e marcada pelas alegrias e dores de uma mãe de 10 filhos, não teve, porém a fama que a amarga coroa de louros da tragédia tantas vezes oferece, como aconteceu à sua contemporânea Florbela Espanca, de quem, aliás, é impossível não ver um eco neste excerto de um poema dedicado às mulheres, “Ad mulierem” (in *Sombra e Luz*, p. 63):

[...]

Escuta:

- Ser mulher

É como a águia amar a grande altura,
O claro azul sem nimbos ofuscantes,
Nem espiras de fumos sombreantes,
Vizinhar ‘té onde a asa saiba erguer
O divino Ideal que lá fulgura.

Aninhar pelos altos do rochedo
Mas não para descer como o condor
A garra aberta sobre o tenro flanco
Do anho manso de lindo velo branco
Mas só para melhor guardar sem medo
Um grande e puro amor!

[...]

Reabilitar uma figura como a da “Poetisa das Beiras” significa trazer à luz do dia e aos sons do mundo uma voz e uma personalidade literária silenciosa mas de inegável brilho e qualidade. Significa também ser capaz de libertar as “academias” literárias contemporâneas de modelos demasiadamente condicionados aos sinais dos tempos – o que, se por um lado é, até certo ponto, inevitável, por outro empobrece o nosso espólio cultural, ao ignorar personagens literárias de traços menos “típicos” ou menos

consonantes com a efemeridade de um actual gosto de época. Este esforço de remar por vezes contra a forte corrente do momento pode ser um factor essencial para quem procure seriamente contribuir para uma história da cultura em Portugal; ainda que pequeno e desprezioso, esse é o contributo que este trabalho inicial procura dar.

Referências Bibliográficas

BARREIROS, F.X. Leite, *Minha saudade, irmã gémea da esperança*, Braga, Editorial A.O, 1994

Idem, Quando o mistério alumia, Braga, Editorial A.O, 1994

BARREIROS, Julieta, *Ao clarão do nosso lar*, Braga, Editorial A.O., 1998

Idem, Sombra e Luz, Braga, Editorial A.O., 1996

Idem, Terra da Beira (1917), Braga, Editorial A.O., 1996

Idem, Terra Mater, Braga, Editorial A.O., 1997

Idem, Voz de longe, Voz de perto, Braga, Editorial A.O., 1996